

INTRODUÇÃO

Esta monografia trata da trajetória de vida de Basílio de Magalhães que nasceu no final do século XIX, precisamente em primeiro de junho de 1874, e conseguiu destaque em sua vida profissional e atuação política. Basílio era mestiço e oriundo de classes sociais menos favorecidas economicamente, como afirma Jeovah Motta:

*... a quem o destino tenha condenado a berço tão modesto e tão desafortunado...possuía na pele a cor dos que são proscritos pelos estreitos padrões do elitismo racial, dominantes ainda hoje, mas que, naqueles tempos, eram ainda mais dominadores do que hoje.*¹

A partir desse pressuposto, percebi que sua trajetória de vida poderia ser analisada tendo como parâmetro os estudos de Sociologia da Educação; fazendo assim, uma aproximação com a História, a fim de compreender não somente os fatos atuais, mas a sua relação com o passado.

A Sociologia da Educação vem se interessando por trajetórias atípicas de sucesso escolar, como mostram os trabalhos de Nadir Zago (2000), sobre o processo de escolarização em famílias de baixo poder aquisitivo, Maria José Braga Viana (1998), que analisou a longevidade escolar em famílias de camadas populares, e de Maria Alice Nogueira (2000), que analisou trajetórias de estudantes provenientes das camadas médias e populares; mas, pelo que se sabe, pouco ou nada tem sido produzido sob um ponto de vista histórico. Daí a importância de se estudar esses casos de sucessos escolares tidos como “improváveis”, a fim de contribuir para o avanço do conhecimento produzido sobre a construção dessas trajetórias dentro do campo da História da Educação.

O meu interesse em analisar trajetórias escolares ditas “improváveis” teve início na graduação, quando tive a oportunidade de conhecer os trabalhos realizados no campo da Sociologia da Educação.

¹ MOTTA, 1985, p. 55

Recentemente, ao cursar a disciplina isolada "Pesquisa em Educação - uma abordagem qualitativa", e, também no Curso de Especialização "História de Minas nos séculos XVIII e XIX", na UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei, realizei leituras com as descrições biográficas de Basílio de Magalhães e iniciei, então, meus trabalhos reunindo várias biografias sobre Basílio de Magalhães, traçando uma linha do tempo com os principais acontecimentos de sua trajetória de vida. Os primeiros resultados obtidos foram apresentados sob a forma de comunicação intitulada "Basílio de Magalhães: uma trajetória de vida atípica a sua origem social e racial (1874 – 1957)", com a orientação da professora Christianni Cardoso Morais, no II Congresso de Produção Científica da Universidade Federal de São João del-Rei, ocorrido do dia 1º a 5 de dezembro de 2003.

A análise da trajetória de vida de Basílio de Magalhães se fundamentou na micro-história entendida, segundo, Giovanni Levi como

...um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico.²

Neste sentido, ao se trabalhar com micro-história, tornou-se importante a contextualização do objeto de estudo no universo ao qual se insere para que o comportamento social pudesse ser explicado. Assim, ao analisar a trajetória de vida de Basílio de Magalhães, buscou-se entender como se deu a construção desta trajetória no contexto social em que ele se encontrava inserido.

Um aspecto fundamental que merece ser destacado é a percepção de que não é proposta desta pesquisa tratar a trajetória em questão como única, ou seja, Basílio de Magalhães não foi o único sujeito pobre e mestiço que conseguiu se destacar socialmente na época abordada. Todavia, foi possível buscar em sua trajetória as contradições que permearam o contexto social do qual fazia parte. Ao analisar trabalhos de micro-história, Levi concluiu

² LEVI, 1969, p. 154.

que “os micro-historiadores concentraram-se nas contradições dos sistemas normativos e por isso na fragmentação, nas contradições e na pluralidade dos pontos de vista que tornam todos os sistemas fluidos e abertos”.³

Esta percepção é de extrema importância em uma pesquisa historiográfica, a fim de evitar generalizações, uma vez que se propõe buscar perceber as complexidades e diversidades que compõem toda sociedade em qualquer tempo e lugar.

Levi fala ainda a respeito das estratégias dos sujeitos sociais que permitem que as mudanças nos sistemas normativos aconteçam. Fundamentada nesta análise, procurei perceber as estratégias utilizadas por Basílio de Magalhães para se contrapor à posição social imposta à maioria das pessoas que, como ele, possuíam não somente a cor, mas também uma condição sócio-econômica desfavorecida.

Para Febvre, o historiador busca perceber se os problemas apresentados no presente existiram no passado e como foram vivenciados.⁴ Nesta perspectiva, foi possível relacionar os trabalhos que analisam trajetórias atuais, dentro desta mesma temática, com a trajetória de vida de Basílio de Magalhães, que se deu em uma época passada.

Especificamente essa pesquisa investigou a trajetória de vida de Basílio de Magalhães, as estratégias por ele utilizadas, os fatores históricos, políticos e sociais que contribuíram para o seu desempenho intelectual, manifesto sob a forma de ações escolares e políticas bem sucedidas, bem como o destaque profissional enquanto escritor, historiador e professor.

Neste sentido, a realização dessa pesquisa buscou a reconstrução da trajetória de vida de Basílio de Magalhães a fim de entender as seguintes questões: Como teria sido efetivada a construção de sua trajetória de vida? Qual a relação estabelecida entre a sua vida e o contexto social, político e econômico da sociedade na qual ele se encontrava inserido, considerando-se

³

LEVI, 1969 p.154 e 155.

⁴ REIS, 2000.

o espaço geográfico e temporal? Quais teriam sido os fatores que provavelmente contribuíram para que tal trajetória fosse demarcada por realizações e conquistas? Qual seria a relação entre os destaques obtidos na vida de Basílio de Magalhães e a sua educação/escolarização?

Para a realização desta pesquisa qualitativa, foi feita uma investigação histórica através de fontes documentais, além de um trabalho com história oral. No primeiro caso, tomei como ponto de referência o planejamento sugerido por Alves e Gewandsnajder (1998). Estes autores consideram “*como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação. Regulamentos, atas de reuniões, livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres, etc., podem nos dizer muita coisa...*”.⁵

Foram analisados alguns exemplares dos jornais *Arauto de Minas* e *Gazeta Mineira*, que circulavam na cidade de São João del-Rei, na época em que Basílio iniciou sua vida escolar, alguns artigos por ele escritos publicados no jornal *A Tribuna* e, ainda, foram analisadas fontes documentais como: registros civis de Basílio de Magalhães e de seus familiares e projetos de leis propostos por Basílio de Magalhães na Assembléia Legislativa.

As biografias utilizadas como ponto de partida para a realização desta pesquisa apresentavam algumas lacunas que deveriam ser esclarecidas, como por exemplo, o mapeamento da ascendência de Basílio de Magalhães para detectar sua proximidade ou distanciamento da escravidão, buscando entender como a condição de ser ou não descendente de escravo foi um fator que contribuiu ou não para o seu prestígio. Em busca de tais informações, foi desenvolvido um trabalho com história oral, a partir do qual foram analisados os depoimentos do Dr. José Benedito Rodrigues, do Sr. Nacime Bacha, do Sr. José Geraldo de Souza e do Sr. Custódio Rodrigues de Miranda; que são pessoas que possuem algum tipo de relação com Basílio de Magalhães e com a sua trajetória de vida, sendo que os dois primeiros mantiveram contato direto com a sua pessoa. Segundo Alberti

⁵ ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSNAJDER, Fernando. 1998, p. 169.

...uma pesquisa de história oral pressupõe sempre a pertinência da pergunta “como os entrevistados viam e vêem o tema em questão?”. Ou: “O que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?”⁶

O Dr. José Benedito Rodrigues é médico atuante na cidade de Lambari, há cerca de 58 anos. Nasceu em 31 de março de 1921 em Jesuânia – Sul de Minas Gerais. Formou-se médico pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1947, quando se transferiu para Lambari – MG, onde reside até hoje. Em seu depoimento declarou que, além de ter atendido Basílio de Magalhães na ocasião de sua morte, foi seu médico por alguns anos e mantiveram uma estreita relação de amizade.

O Sr. Nacime Bacha é o atual Presidente do Museu Américo Werneck da cidade de Lambari, onde nasceu em 29 de maio de 1920. É ex-expedicionário e deu baixa em 1945, quando terminou a 2ª Grande Guerra Mundial. Nesta ocasião, ele e outros dois companheiros, também expedicionários, foram recebidos na sua cidade com uma manifestação festiva, na qual Basílio de Magalhães proferiu um discurso em homenagem aos ex-combatentes. Conviveu com Basílio de Magalhães durante alguns anos na cidade de Lambari devido à existência de amigos comuns.

O Sr. José Geraldo de Souza nasceu no dia 12 de outubro de 1943 na cidade de Barroso - Minas Gerais, onde reside até os dias atuais. É o atual Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Barroso e possui importantes informações sobre a história do município, bem como sobre aspectos relacionados a Basílio de Magalhães. É filho de Joaquina de Souza e de Geraldo Napoleão de Souza, autor de um dos poucos livros existentes sobre a história de Barroso. José Geraldo de Souza é bisneto do Sr. Ladislau Artur de Magalhães, o padrinho de batismo de Basílio de Magalhães.

O Sr. Custódio Rodrigues de Miranda nasceu na cidade de Tiradentes em 27 de julho de 1936, sendo que o seu avô, o Sr. José Augusto Ventura, era primo de Basílio de

⁶ ALBERTI, 2004, p. 30.

Magalhães. Apesar de não ter conhecido Basílio de Magalhães, o Sr. Custódio sempre ouvia seu pai e demais familiares falarem a respeito de Basílio.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro pré-determinado a fim de obter informações importantes sobre a vida de Basílio de Magalhães, que não foram encontradas em registros escritos.

Em síntese, foi analisado um conjunto de questões para entender essa trajetória tida como improvável de sucesso escolar, levando-se em consideração as “teias de relações” estabelecidas por Basílio de Magalhães e, ainda, o contexto histórico no qual viveu. Ao mesmo tempo, buscou-se estabelecer uma constante relação com trabalhos e com pesquisas na área da Educação e da História que tratam da mesma questão, a fim de contribuir para um melhor diálogo entre os trabalhos sobre História da Educação e os sobre escravidão e relações “raciais” no período pré e pós-abolição.

O primeiro capítulo deste trabalho trata da biografia de Basílio de Magalhães, apresentando o perfil de alguns ascendentes, através de um mapeamento familiar, contemplando-se, também, as suas realizações pessoais e profissionais. São analisados alguns aspectos norteadores de sua trajetória e possíveis estratégias utilizadas para a construção da mesma.

O segundo capítulo complementa o anterior no que diz respeito à análise dos aspectos norteadores da trajetória de vida de Basílio de Magalhães e das estratégias por ele utilizadas, dando, porém, maior enfoque à discussão a respeito do negro e sua inserção na sociedade no período pós-abolição.

O terceiro e último capítulo trata da trajetória escolar de Basílio de Magalhães, contemplando a questão da educação do negro na época recortada, além de abordar a vida de Basílio de Magalhães como uma trajetória de sucesso escolar tida como “improvável”, fazendo-se, assim, uma relação com a Sociologia da Educação.

CAPÍTULO I

A ORIGEM, O HOMEM E SUAS REALIZAÇÕES

Utilizando-me do método biográfico para o desenvolvimento desta pesquisa, torna-se necessário levantar discussões que se tem realizado sobre o mesmo. Sabina Loriga, em artigo intitulado “A biografia como problema”, analisa o uso da biografia em diferentes épocas, constatando que a sua utilização tem sido motivo de debates na historiografia e nas ciências sociais desde os tempos mais remotos da História e que tal debate, ainda na atualidade, se encontra em plena efervescência.

No decorrer dos tempos, os questionamentos acerca da biografia desencadearam ambigüidades de opiniões a respeito do valor do método biográfico. Com relação à crítica desenvolvida a respeito da biografia heróica, a autora tece considerações relevantes:

*A morte do herói não eliminou contudo a exigência de se estudar os indivíduos. Hoje a aposta não é mais no grande homem (conceito banido e às vezes desprezado), e sim no homem comum. Este último é o objetivo principal dos estudos sobre a cultura popular dos trabalhos de história oral ou história das mulheres.*⁷

Giovani Levi também analisou o uso da biografia pela historiografia, suas ambigüidades e as formas mais recentes de abordagem biográfica; formulando uma tipologia de tais abordagens, que ele mesmo considera parcial, mas que “*visa lançar luz sobre a complexidade irresoluta da perspectiva biográfica*”.⁸

Para ele, a biografia utilizada na atualidade pode ser dividida de acordo com o enfoque que lhe é atribuído e, entre outros tipos, ele cita a *prosopografia e biografia modal*, a *biografia e casos extremos*, a *biografia e hermenêutica* e a *biografia e contexto*. Este último tipo é o que mantém uma relação mais direta com a pesquisa aqui realizada. Segundo Levi, a época, o meio e a ambiência são utilizados na explicação da singularidade das trajetórias.

No entanto, o autor destaca que, freqüentemente, o contexto é visto como algo rígido, coerente e imóvel pano de fundo para explicar a biografia, sem se fazer qualquer relação entre a trajetória individual com a modificação do contexto. É justamente contrapondo a esta

⁷ LORIGA, 1998, p. 244.

⁸ LEVI, 1998, p.19.

prática que se procurou inserir o objeto aqui pesquisado, relacionando a sua trajetória individual com o contexto temporal, espacial e social; buscando analisar a interação do indivíduo com o meio e vice-versa.

Também nesta perspectiva, e com o intuito de desmontar um mito que foi construído e reconstruído no decorrer do tempo, Júnia Ferreira Furtado afirma que o seu trabalho com a biografia de Chica da Silva, procura “*conhecê-la não como uma curiosidade, nem como uma exceção, mas, por meio dela, lançar luz sobre as demais mulheres daquele período, inserindo-as na história*”.⁹ Para ela, a partir desta trajetória é possível perceber as formas de relação raciais no recorte temporal e geográfico estabelecido.

Assim, ao se trabalhar com a biografia de Basílio de Magalhães, é importante esclarecer que tal pesquisa não objetiva enaltecer um herói ou apresentar uma exceção; mas investigar a trajetória de um sujeito concreto, inserido na história, com capacidade de influenciar o meio no qual viveu; além de constatar a ingerência desse meio na sua trajetória pessoal.

Por se tratar de um trabalho envolvendo a biografia de Basílio de Magalhães, faz-se necessária a apresentação de uma visão geral de sua trajetória para, em seguida, analisá-la segundo as propostas já colocadas.

No final do século XIX, precisamente em primeiro de junho de 1874, na cidade de Barroso (MG), nasceu Basílio de Magalhães, cidadão que, além de oriundo de camadas populares, era mestiço. Segundo os dados obtidos no seu registro de batismo, era filho de Antônio Inácio Raposo e de Francisca de Jesus; e seus padrinhos de batismo foram Ladislau Artur de Magalhães e Prudenciana Augusta Meireles.¹⁰

⁹ FURTADO, 2003, p.19.

¹⁰ O registro de batismo de Basílio de Magalhães está assentado no Livro de Batismo nº 1 da Paróquia de Sant’Ana de Barroso, na página 44.

Ainda pequeno, mudou-se para a cidade de São João del-Rei, matriculando-se na Escola João dos Santos. Nesta escola, Basílio de Magalhães recebeu, em 15 de abril de 1884, o primeiro prêmio “Reginaldo de Barros” – medalha de ouro – pelo seu desempenho escolar.¹¹

Em 1889, com 15 anos de idade, empregou-se como tipógrafo no jornal “*Gazeta Mineira*”, em São João del-Rei, no qual exercia também trabalhos de auxiliar de redação. Inconformado com a postura conservadora do “*Gazeta Mineira*”, transferiu-se para o “*Pátria Mineira*”, jornal com ideais republicanos, fundado por Sebastião Sette Câmara. Neste jornal, Basílio de Magalhães foi tipógrafo, paginador, revisor e auxiliar de redação, até o ano de 1894. Paralelamente às atividades nesse último jornal, fundou e manteve o pequeno jornal “*A locomotiva*” em parceria com Altivo Sette.¹²

Em 1892, Basílio de Magalhães foi para São Paulo a fim de se aperfeiçoar intelectualmente e de ampliar o universo profissional. Conseguiu licença para advogar e foi aprovado em concurso pelo Tribunal de Justiça para atuar no Fórum de Campinas. Na mesma época foi revisor e colaborador do “*Diário Popular de São Paulo*”.¹³

Por volta do ano de 1900, foi aprovado em concurso público para atuar como professor no Ginásio do Estado, em Campinas. Nesta mesma cidade, fundou e presidiu o “*Clube de Comemorações Cívicas*”.¹⁴

Ainda nesta época, foi eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Paulista de Letras e Academia Mineira de Letras (sócio honorário). Na cidade de Campinas, fundou e dirigiu o jornal “*Correio de Campinas*”, foi eleito vereador e exerceu o cargo de Delegado de Polícia.¹⁵

¹¹ A notícia sobre o recebimento da medalha de ouro por Basílio de Magalhães encontra-se publicada no Jornal “*Gazeta Mineira*” nº 19, ano I de 17 de abril de 1884, p.3.

¹² MOTTA, 1985.

¹³ CINTRA, 1994.

¹⁴ MOTTA, 1985.

Entre 1909 e 1910, Basílio de Magalhães atuou na Campanha Civilista, liderada por Rui Barbosa que “... *em prélio memorável, alertava e alentava os espíritos liberais contra as práticas políticas viciadas que a República fora, aos poucos, adotando*”.¹⁶

Com relação à postura conservadora assumida pela República, Schwarcz (1993) fala a respeito de uma das práticas incorporadas pelo governo de negar a liberdade alcançada pela abolição e a igualdade adquirida pela nova Constituição, sendo tal postura justificada pela transformação das diferenças raciais em heranças biológicas fundamentais. Ou seja, a raça negra ainda era vista como inferior.

Em 1911, o Governador do Estado de São Paulo encarregou-lhe de fazer pesquisas no Arquivo Nacional e no Instituto Histórico, no Rio de Janeiro. Tais pesquisas foram mais tarde publicadas em oito volumes sob o título de “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo”. Tornou-se professor efetivo de História Geral e História do Brasil da Escola Normal do Rio de Janeiro.¹⁷

No ano de 1917, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro conferiu-lhe o prêmio “D. Pedro II” – medalha de ouro, pela apresentação da monografia “Expansão Geográfica do Brasil até os fins do séc. XVII”, prêmio que foi concedido, também, a Roquette Pinto e Capistrano de Abreu. Lecionou História do Brasil, no Ginásio de Campinas; História do Brasil e História Geral, na Escola Amaro Cavalcanti, no Rio de Janeiro, no Instituto de Educação, no Colégio Pedro II e História da Pintura e da Escultura na Escola Nacional de Belas Artes.¹⁸

¹⁵ VIOTTI, 1960

¹⁶ MOTTA, 1985, p. 56.

¹⁷ MOTTA, 1985

¹⁸ CINTRA, 1994.

No biênio de 1917-1918, foi Diretor Interino da Biblioteca Nacional. No ano de 1919, voltou para São João del-Rei e se deparou com uma prática política conservadora e contrária à sua postura e a seus ideais liberais, “...lá se insurgiu contra a política dominante”.¹⁹

A postura liberal de Basílio pode ser percebida na publicação de um artigo por ele escrito contra o militarismo no poder²⁰, além da publicação de uma notícia sobre um discurso por ele feito em comemoração do dia 13 de maio, que continha trechos da fala de Basílio de Magalhães. De acordo com a notícia publicada,

...dada a palavra pelo digno inspetor a Basílio de Magalhães discorreu este quase uma hora (...) não existem mais no mundo agregamentos étnicos puros, não há raças inferiores e superiores porém sim atrasadas e adiantadas.(...) Depois de referir-se às tentativas anteriores à nossa independência favoráveis à alforria dos africanos, mostrou finalmente como a opinião esclarecida do país impôs à Monarquia a decretação da Lei Áurea de 13 de maio de 1888(...)procurou por em evidência apelando para os corações patricios, a fim de que resgatassem em parte a culpa infanda dos nossos antepassados.(...) a conferência interrompida algumas vezes por aplausos, recebeu prolongadas palmas.²¹

Em 1922, foi eleito Senador Estadual Mineiro e, em 1923, Presidente da Câmara de São João del-Rei e Agente Executivo Municipal (cargo atual de prefeito). Em 1924, elegeu-se para Deputado Federal sendo reeleito para o mesmo cargo no ano de 1927. Dois de seus projetos merecem ser aqui mencionados: a proposta de voto secreto e obrigatório e a extensão de voto às mulheres²².

Pouco antes da Revolução de 1930, opôs-se à candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República. Segundo Viotti (1960), Basílio fazia parte da corrente política liderada por Raul Soares e foi por ele apoiado nas eleições já citadas. Com a morte de Raul

¹⁹ VIOTTI, 1960, p.598.

²⁰ Jornal A Tribuna, nº 418, ano VIII de 21 de maio de 1922, p.1.

²¹ Jornal A Tribuna, nº 418, ano VIII de 21 de maio de 1922, p. 2.

²² Projeto de Lei nº 247 do ano de 1924.

Soares, Basílio passou a ser apoiado por Artur Bernardes. Porém, este apoiou a candidatura de Getúlio Vargas, a qual Basílio fez oposição. Este fato em muito contribuiu para o fim da carreira política de Basílio de Magalhães, pois o mesmo deixou de ter o apoio de Artur Bernardes.

Assim, passou a dedicar-se ao magistério, reassumiu suas funções na Escola Normal do Distrito Federal; foi convidado pelo Ministério das Relações Exteriores a examinar candidatos à carreira diplomática no Instituto Rio Branco. Em 1935, Basílio de Magalhães foi reconhecido como historiador emérito, sendo sua monografia, vencedora do “Prêmio Pedro II”, ampliada e refundida, passando a se chamar “Expansão Geográfica do Brasil Colonial”.²³

Basílio de Magalhães foi autor de cerca de cem obras, era poliglota e pertenceu a 26 associações culturais, sendo 17 brasileiras e 9 estrangeiras. Sua biblioteca chegou a possuir cerca de 27 mil volumes. Seu nome foi dado ao Salão Nobre da Prefeitura Municipal de São João del-Rei.²⁴

Em 14 de dezembro de 1957, aos 83 anos de idade, Basílio de Magalhães faleceu em Lambari –MG, vítima de hemorragia cerebral.²⁵

Faz-se necessário esclarecer que a trajetória política de Basílio de Magalhães necessita de uma análise mais profunda, a fim de perceber e melhor entender a sua postura e os seus ideais. No entanto, devido à escassez de tempo na realização deste trabalho não foi possível fazê-la, ficando em aberto a possibilidade de realizá-la posteriormente.

1.1 – Sua naturalidade e a suposta paternidade não assumida

²³ VIOTTI, 1960.

²⁴ VIOTTI, 1960.

²⁵ O óbito de Basílio de Magalhães encontra-se registrado no Livro C-08 de Registro Civil de Óbitos, às folhas 151, sob o nº 4122, no Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, na cidade de Lambari – MG.

Nas biografias de Basílio de Magalhães lidas, há controvérsias quanto à sua naturalidade. Algumas apontam a cidade de São João del-Rei como sua terra natal; porém, seu batismo, ocorrido em 28 de junho de 1874, encontra-se assentado às folhas 44 do 1º Livro de Batizados da Paróquia de Sant'Ana, em Barroso, o que pode ser entendido como um sólido argumento de seu nascimento ter ocorrido nesta cidade. Vale ressaltar que os registros de batismo eram os únicos utilizados para registrar nascimentos na época.

Na tentativa de explicar este imbróglio, foi feito um mapeamento da cidade de Barroso enquanto distrito, a fim detectar se esta havia pertencido à cidade de São João del-Rei, na época do nascimento de Basílio de Magalhães. Segundo Geraldo Napoleão de Souza²⁶, Barroso provavelmente foi elevado à categoria de distrito em 1831 e permaneceu anexado ao município de Barbacena até 1890, quando passou a pertencer ao município de Prados. De 1894 a 1938, Barroso pertenceu ao município de Tiradentes e, a partir de 1939, passou a integrar o município de Dolores de Campos até a sua emancipação que ocorreu em 1º de janeiro de 1954. Desta forma, foi possível constatar que Barroso nunca pertenceu a São João del-Rei.

No entanto, na época do nascimento de Basílio, os registros de batismos obedeciam à jurisdição eclesiástica. No caso de Basílio de Magalhães, não há referência a esse respeito no seu registro de batismo; já em outros registros²⁷, ocorridos na mesma época e assentados no mesmo livro, consta a referência de pertencimento à freguesia de Barbacena. Dessa forma, mesmo que não haja tal referência em todos os registros de batismo, pode-se afirmar que Barroso pertencia à Barbacena na época abordada. Segundo Souza (1979), a Paróquia de Sant'Ana foi criada em 17 de janeiro de 1884.

Uma contribuição importante para o desenrolar da verdadeira naturalidade de Basílio de Magalhães foi o depoimento do Dr. José Benedito Rodrigues, que declarou que o próprio Basílio de Magalhães afirmava ter nascido em um povoado perto de São João del-Rei.²⁸

²⁶ SOUZA, 1979, p. 10 e 11.

²⁷ O registro do batismo de José Teixeira, ocorrido em 14 de julho de 1872, assentado no 1º Livro de Batismos da Paróquia de Sant'Ana de Barroso, p. 17, faz referência do pertencimento de Barroso à freguesia de Barbacena.

²⁸ Entrevista realizada com o Dr. José Benedito Rodrigues, no dia 04 de junho de 2005, na cidade de Lambari, MG.

José Geraldo de Souza e Custódio Rodrigues de Miranda também afirmam ser a cidade de Barroso a terra natal de Basílio de Magalhães e apontam o “Córrego do Cangalheiro”, nas imediações da atual Estação Rodoviária, como o local onde viviam seus pais na época de seu nascimento.

Outro aspecto da vida de Basílio de Magalhães que é questionado por conhecedores de sua história diz respeito à sua ascendência paterna. No registro de batismo consta que Basílio era filho de Antônio Inácio Raposo e de Francisca de Jesus; e seus padrinhos de batismo foram Ladislau Artur de Magalhães e Prudenciana Augusta Meireles.

Segundo o depoimento de José Geraldo de Souza, Basílio de Magalhães era filho natural de seu bisavô, o Sr. Ladislau Artur de Magalhães, que foi seu padrinho de batismo. Ou seja, Basílio era filho de Francisca e de Ladislau Artur de Magalhães, para quem ela (Francisca) e seu marido Antônio Inácio prestavam serviços, pois eram empregados na Fazenda Venda Grande, que era de propriedade de Ladislau.²⁹ José Geraldo de Souza declarou que tal paternidade não foi assumida legalmente por ser o Sr. Ladislau Artur de Magalhães casado com a Sra. Belizandra Augusta de Meireles e que tal fato provocaria um “escândalo” na época, uma vez que o casal possuía um certo status social. Segundo suas palavras:

...o meu pai falava que a mãe dele (de Basílio de Magalhães) colocou o sobrenome do padrinho dele. Eu conheço bem a minha família...Uma família que não aceitaria bem, na época, a figura do filho natural...Foi uma questão de orgulho da família não aceitar aquele filho natural.³⁰

²⁹ Não há nos depoimentos referências com relação à maternidade de Basílio. A possibilidade de Basílio ser filho adúltero de Francisca com o padrinho pode não ter sido mencionada, talvez, porque fosse algo sério demais para ser levantado contra pessoas de relativo prestígio, como o padrinho e, depois, o próprio Basílio. Entretanto essa possibilidade se justifica devido ao fato de ser constatado nos depoimentos de Custódio Rodrigues uma estreita relação entre Basílio e os familiares maternos. Além da companhia do primo José Augusto Ventura no momento da derrota eleitoral de Basílio (fato citado neste capítulo), Custódio mencionou, também, que uma tia sua, Dionísia (filha de José Augusto Ventura), foi criada durante um tempo por Basílio de Magalhães, no Rio de Janeiro, por haver seu pai falecido.

³⁰ Entrevista realizada com o Sr. José Geraldo de Souza, no dia 19 de junho de 2005, na cidade de Barroso, MG.

Segundo José Geraldo de Souza e, também, o Sr. Custódio Rodrigues de Miranda, Basílio foi criado pelo Sr. Ladislau Artur de Magalhães, pois seus pais não possuíam condições financeiras favoráveis.

Essa nebulosa envolvendo a paternidade de Basílio de Magalhães parece se revalidar na sua certidão de óbito. Os nomes dos pais de Basílio de Magalhães nesta certidão não conferem com os nomes do registro de batismo, os mesmos parecem ter sido alterados. No registro de batismo estão os nomes Antônio Inácio Raposo e Francisca de Jesus; já no óbito estão os nomes Antônio Inácio Raposo de Magalhães e Francisca Leonarda do Nascimento Magalhães. Acrescentou-se, portanto, o sobrenome Magalhães aos nomes do pai e da mãe, sendo que, no nome da mãe, ainda ocorreu a troca do sobrenome “de Jesus” para “do Nascimento”. Com relação ao segundo nome “Leonarda” acrescentado, também ao nome da mãe; o mesmo se deu com o registro de casamento de Antônio e Francisca, cujos nomes registrados são Antônio Inácio Raposo e Francisca Leonarda de Jesus.³¹

Júnia Furtado (1993) fala sobre as alterações feitas nos documentos dos filhos de Chica da Silva, para apagar as origens que determinavam discriminação social. A alteração no nome dos pais de Basílio pode ter se dado devido ao fato dele ter o sobrenome Magalhães, que é do padrinho e não do pai que o registrou. Apesar do acréscimo de Leonarda ao nome da mãe também na certidão de casamento; o sobrenome Magalhães aparece apenas no registro de óbito que foi feito com base nos documentos pessoais de Basílio de Magalhães, aos quais não tive acesso.

A data de nascimento de Basílio de Magalhães é a mesma no registro de batismo e no de óbito, sendo que no óbito está a cidade de São João del-Rei como sua terra natal. Outro detalhe curioso é a cor da pele que não consta no registro de batismo e, no óbito, está registrada a cor clara.

³¹ O registro de casamento dos pais de Basílio de Magalhães encontra-se assentado na página 167, do livro nº 27 da Paróquia de Tiradentes.

Com relação à ausência da cor no registro de batismo, essa era uma prática comum na época abordada. Castro (1995) detectou uma generalização da não referência à cor nos registros da segunda metade dos oitocentos.

Trabalhando-se com a hipótese de Basílio de Magalhães ser mesmo filho natural de Ladislau Artur de Magalhães, a alteração nos nomes de seus pais também pode ser entendida como uma estratégia de ascensão social utilizada, se considerarmos que o mesmo integrava o Partido Republicano Mineiro e possuía divergências com outras lideranças mais conservadoras. A constatação de que Basílio de Magalhães não possuía o sobrenome dos pais poderia vir a ser um motivo para tornar pública a suposta condição de filho natural.

Nos artigos redigidos por Basílio de Magalhães no Jornal “A Tribuna” pode-se constatar a presença de diversos discursos que ilustravam suas divergências políticas, como o seguinte:

Ufaneio-me da sincera amizade com que me honram ilustres sacerdotes católicos e até hoje nenhum deles, como nenhuma das pessoas que me conhecem, como nenhum dos que leram os 20 opúsculos de minha (...) teve elementos de prova para afirmar que não sou homem de 2 caras. Isto somente me podia ser exputado pelo Sr. Odilon de Andrade, “o Judas de última hora” (...). O ex-chefe político deste município bem sabe a diferença de cultura que há entre mim e ele, como também não ignora que entre a sua inata molenguiça e a minha inflexível rijeza moral, vai um abismo. Eu não preciso de praças de polícias para vencer, mas apenas para impedir os mais que prováveis conflitos que V.Exa. está aparelhando com trabuqueiros mandados vir das comarcas circunvizinhas.³²

Foi, também, detectada outra alteração no nome de Basílio de Magalhães, em um artigo publicado no Jornal Gazeta Mineira nº 19, Ano 1, p. 3, de 17 de abril de 1884, ocasião que ele recebeu a medalha de ouro pelo seu desempenho escolar. O referido jornal noticia a entrega do prêmio a Basílio Ladislau de Magalhães. O acréscimo do segundo nome (Ladislau)

³² Jornal “A Tribuna” nº 402. Ano VIII, p.1e 2 de 16 de fevereiro de 1922. Esse discurso faz referências aos atritos entre Basílio de Magalhães e Odilon de Andrade na ocasião do processo eleitoral de 1922, que determinaria o sucessor de Odilon de Andrade no Executivo da cidade. Segundo Viotti (1960), tal eleição foi policiada por tropas enviadas pelo governador do Estado, a fim de garantir a ordem; uma vez que as divergências políticas entre os envolvidos eram preocupantes.

que era de seu padrinho, ou suposto pai, pode indicar uma interferência do mesmo na entrada de Basílio para a escola.³³

Contudo, importa ressaltar que, independente de ser ou não filho natural de seu padrinho, o fato de Basílio de Magalhães ter sido criado até certa idade por ele, pode ser considerado como um forte aspecto favorável à sua ascensão social, pois foi em companhia de seu padrinho que ele teve acesso às primeiras letras, fato fundamental para o prosseguimento nos estudos

1.2 – A origem “humilde”, a mestiçagem e a suposta discriminação

A respeito das prováveis discriminações sofridas por Basílio de Magalhães, segundo os depoimentos analisados, o mesmo foi discriminado pelo fato de ser mestiço, pela situação sócio-econômica de seus pais (Antônio e Francisca) e pela suposta condição de filho natural.

Na versão de Custódio Rodrigues de Miranda, as pessoas que, como Basílio de Magalhães, moravam ou eram originárias do Córrego do Cangalheiro eram discriminadas pelo fato de tal região não se encontrar inserida socialmente na localidade de Barroso. Custódio afirma : *“Meus familiares contam que ele era discriminado porque era preto. Ele era tratado com um certo desprezo porque morava no Cangalheiro... as pessoas diziam com desprezo que um homem preto do Cangalheiro, quer ser alguma coisa?”*³⁴

José Geraldo de Souza, em seu depoimento, contou que a região do Cangalheiro era discriminada pelo fato de alojar descendentes africanos e de cultivar manifestações da cultura negra como o congado e o moçambique. No Cangalheiro moravam os trabalhadores das fábricas de cal, que estavam em processo de expansão na época abordada. Tais trabalhadores eram, normalmente mestiços, ele afirmou que *“O Cangalheiro tinha algumas casas*

³³ Essa questão será melhor discutida no capítulo 3, em que será abordada a sua trajetória escolar.

³⁴ Entrevista realizada com o Sr. Custódio Rodrigues de Miranda, no dia 19 de junho de 2005, na cidade de Barroso, MG.

*modestas. Para você ter uma idéia, o Congado e o Moçambique nasceram no Cangalheiro”.*³⁵

A respeito das discriminações supostamente sofridas, José Geraldo de Souza fala das dificuldades políticas enfrentadas por Basílio de Magalhães no início de sua vida pública devido ao fato de assumir uma *“liderança contrária às elites da época”*.³⁶

Sobre esta dificuldade política, o Sr. Custódio Rodrigues de Miranda também mencionou um episódio narrado pelo seu avô, o Sr. José Augusto Ventura, que era primo de Basílio de Magalhães. Segundo ele, Basílio de Magalhães teria se lamentado com o primo José Augusto sobre sua derrota em uma eleição para o cargo de prefeito de São João del-Rei, atribuindo tal derrota à sua condição de pobre e de mestiço. Na ocasião, Basílio teria saído de São João del-Rei, dizendo que nunca mais voltaria, sendo acompanhado até a Estação Ferroviária pelo primo José Augusto.

Segundo Nacime Bacha, apesar de Basílio de Magalhães nunca ter relatado a ele o fato de ter sido discriminado, *“...corria-se o boato que ele era renegado a segundo plano, mesmo em São João del-Rei, ele sofreu uma guerra tremenda para se eleger prefeito... por ser um pouco moreno, acharam que ele ia ser um pé rapado...”*³⁷

Importa ressaltar que, mesmo diante das prováveis discriminações vivenciadas, houve outras questões apontadas neste trabalho que possibilitaram a ascensão social de Basílio de Magalhães.

³⁵ Entrevista realizada com o Sr. José Geraldo de Souza, no dia 19 de junho de 2005, na cidade de Barroso, MG..

³⁶ Ibidem.

³⁷ Entrevista realizada com o Sr. Nacime Bacha, no dia 04 de junho de 2005, na cidade de Lambari, MG.

CAPÍTULO II

UMA NAÇÃO MISCIGENADA

Com a intenção de situar as discussões sobre racismo na época abordada, serão tomados como referência os estudos realizados por Lilia Moritz Schwarcz (1993), que analisou a grande incidência de teorias raciais e a relação das mesmas com a realidade brasileira, no período de 1870 a 1930.

No final do século XVIII, prevalecia a idéia da tradição igualitária advinda da Revolução Francesa, em que os diversos grupos eram considerados como povos e nações. O termo raça foi introduzido na literatura mais especializada no início do século XIX, por Georges Cuvier, que inaugurou a idéia de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos.

No Brasil, a época em que viveu Basílio de Magalhães foi marcada por diversas discussões sobre racismo, devido à entrada em nosso país das teorias raciais que em meados do século XIX fizeram sucesso na Europa. A partir de 1870, teorias como o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo entram no cenário brasileiro de forma particular, ou seja, a adoção dessas teorias raciais por teóricos brasileiros se fez de forma adaptada à realidade local, incorporando o que era viável e eliminando o que não se ajustava.

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil era definido por intelectuais brasileiros e, também, por viajantes europeus como uma nação miscigenada. Todavia, ainda diante da constatação desta mistura de raças na formação da população brasileira, o argumento racial se fazia oportuno para justificar teoricamente a construção de projetos políticos conservadores e, até mesmo, a existência de hierarquias rígidas. Com a extinção da escravidão e a construção de um novo projeto político para o país, desenvolvia-se um jogo de interesses que poderia justificar-se através de tais teorias.

Com a instauração da República, a liberdade prometida pela abolição e a igualdade oferecida pela nova Constituição são negadas em nome da natureza, sendo as diferenças sociais transformadas em heranças biológicas fundamentais.

SCHARWARCZ afirma que

*No Brasil, evolucionismo combina com darwinismo social, como se fosse possível falar em “evolução humana”, porém, diferenciando as raças; negar a civilização aos negros e mestiços, sem citar os efeitos da miscigenação já avançada. Expulsar “a parte gangrenada” e garantir que o futuro da nação era “branco e ocidental”.*³⁸

Desta forma, a miscigenação que era constatada na realidade brasileira tornava-se um tema polêmico, uma vez que os modelos evolucionistas viam a mistura de raças como um erro que gerava a degeneração do indivíduo e de toda a coletividade, o que era entendido como obstáculo para a formação de uma identidade nacional.

Diante de tal polêmica, a alternativa dos teóricos brasileiros da época foi a incorporação das teorias raciais de forma adaptada, estratégia que pode ser constatada, também em outros países da América Latina, nos Estados Unidos e Inglaterra. No caso brasileiro, segundo SCHWARCZ

...o que se percebe é a emergência de dois debates contemporâneos: de um lado, o enraizamento de um modelo liberal jurídico na concepção do

³⁸ SCHARWARCZ, 1993, p. 242.

Estado; de outro, porém, a retomada do debate sobre a questão da igualdade (tendo como base as conclusões deterministas raciais) e o paralelo enfraquecimento de uma discussão sobre a cidadania. Teorias formalmente excludentes, racismo e liberalismo conviveram no país em finais do século, merecendo locais distintos de atuação.³⁹

Dessa forma, os mestiços, como Basílio de Magalhães, eram excluídos do grupo dos tidos como superiores em função da espécie, uma vez que prevalecia a concepção de que o resultado da mistura de raças poderia tornar-se um impedimento para os avanços profissionais e pessoais.

2.1 A condição de mestiço

Um dos pontos centrais deste trabalho diz respeito à origem racial de Basílio de Magalhães, especificamente à sua cor que, apesar de não estar registrada na certidão de batismo e, ainda, constar a cor clara no seu registro de óbito, outras fontes analisadas apresentaram que o mesmo possuía origem mestiça.

Apesar de haver consenso sobre essa origem na fala das pessoas que “ouviram contar” a seu respeito, foi realizada uma pesquisa fundamentada em fontes escritas e orais a fim de comprovar tal mestiçagem.

O registro de casamento dos pais de Basílio de Magalhães traz a denominação de pardo para ambos, como também o registro de batismo do seu irmão ⁴⁰, José, ocorrido no dia primeiro de agosto do ano de 1855, assentado no Livro de Batismos nº 16, folha 141 da Paróquia de Tiradentes, consta a denominação de pardo.

³⁹ SCHWARCZ, 1993, p. 244.

⁴⁰ Este parentesco pôde ser constatado devido aos nomes dos pais de José serem os mesmos do registro de batismo de Basílio de Magalhães.

E, ainda, segundo os depoimentos do Dr. José Benedito Rodrigues e do Sr. Nacime Bacha, que foram pessoas que conviveram com Basílio de Magalhães, o mesmo era “moreno”.⁴¹

Sendo assim, a partir da constatação da sua origem, a denominação de mestiço a Basílio de Magalhães no presente trabalho foi definida à luz da pesquisa de Mattos (1998) que, ao analisar os libertos e sua inserção na sociedade no período pós-abolição, constata a inexistência da cor nos registros históricos de homens livres a partir de meados do século XIX e afirma:

*Processos civis e criminais e registros paroquiais de batismo, de casamento e óbito, na maioria dos casos, não fazem menção à cor; mesmo nos registros civis instituídos em 1888, nos quais citar a cor era legalmente obrigatório, em muitos casos, ela se faz ausente.*⁴²

Até meados do século XIX, a cor negra se referia à condição de escravo ou liberto (preto forro) e os pardos eram qualificados como pardos cativos, forros ou livres. Já a identidade branca se referia aos senhores de escravos.

A partir de meados do século XIX, a sociedade escravista se tornava cada vez mais fragilizada. O acesso à propriedade escrava se dificultava progressivamente, devido à extinção do tráfico atlântico, dentre outras causas. O aumento da população de negros e mestiços livres e de brancos empobrecidos não mais sustentava a idéia de relação entre a identidade branca com a propriedade de escravos, levando a desaparecer como critério de diferenciação a cor branca.

Sendo assim, é possível relacionar a análise de Mattos sobre a ausência da cor nos registros a partir de meados do século XIX com os dados obtidos nas fontes pesquisadas. No registro de casamento dos pais de Basílio ocorrido em 2 de outubro de 1854 e no registro de

⁴¹ A referência de “moreno” dada pelos Senhores José Benedito Rodrigues e Nacime Bacha deve ser analisada levando-se em consideração que, nem sempre, os padrões de cor utilizados atualmente correspondem aos da época da inserção social de Basílio (final do século XIX e início do XX). No entanto, neste trabalho, tal referência foi utilizada como uma das formas de constatação da mestiçagem de Basílio, além das outras mencionadas.

⁴² MATTOS, 1995, p. 103.

batismo de José, irmão de Basílio, ocorrido em 1º de agosto de 1855 há referência à cor parda, tanto para os pais como para o irmão. Já no registro de batismo de Basílio de Magalhães, ocorrido em 28 de junho de 1874, não há referência à sua cor, embora, como já apresentado anteriormente, o mesmo fosse mestiço. Mesmo que Basílio não fosse filho de Antônio, mas sim de Ladislau, a mãe Francisca possuía a cor parda.

Um aspecto importante que merece ser aqui destacado, diz respeito à não ligação direta de Basílio de Magalhães com a escravidão, uma vez que, nas fontes analisadas, seus pais e seus avós não são definidos como escravos. Esta condição, com certeza, pode ser relacionada à sua inserção social. Vale ressaltar que não pretendo, aqui, colocar a idéia de haver nessa época uma democracia racial, amenizando o preconceito vivenciado pelos negros e seus descendentes. Contudo, tomando como parâmetro os estudos realizados por Faria, a distancia da condição de escravo pode ser entendida como um fator facilitador para esta inserção. Nas palavras de Faria:

Se atualmente, se pode considerar que se classificam as pessoas pela aparência ou “cor” da pele, durante a vigência do regime escravista outras precisavam ser as denominações para organizar um mundo que tinha como referência básica a distinção entre escravos e livres. Mais do que a cor da pele, portanto,, o que tinha de se distinguir num vocabulário classificatório era a condição jurídica.⁴³

⁴³ FARIA, no prelo, p.20.

CAPÍTULO III

TRAJETÓRIA ESCOLAR

3.1 – A condição de mestiço e a inserção na educação institucionalizada

Torna-se fundamental, neste trabalho, a elaboração de conexões entre a questão racial no Brasil, a educação e escolarização dos negros e a relação destas questões com a trajetória de Basílio de Magalhães. Vale ressaltar que tal análise foi realizada dentro do recorte temporal analisado que aborda o período dos últimos anos da escravidão e os primeiros do pós-abolição; não se pretendendo, portanto, fazer uma ampla discussão a respeito da educação dos negros no Brasil.

Embora Basílio de Magalhães não fosse filho de escravos, era mestiço e seu nascimento ocorreu, ainda, em tempos de escravidão. O panorama histórico e político da época, com certeza, foram importantes para a sua trajetória. As mudanças a favor do negro ocorridas nas legislações foram, sem dúvida, favoráveis à entrada de Basílio para uma instituição escolar e respectiva ascensão social.

A Lei do Ventre Livre (1871) assegurava certos cuidados às crianças negras, dentre elas o direito aos estudos. Os donos de escravos eram obrigados a cuidar das crianças negras livres até a idade de oito anos ou encaminhá-las a instituições estatais específicas. Além disso, a Reforma de Ensino Primário e Secundário (1879), proposta por Leôncio Carvalho, tornava obrigatório o ensino dos 7 aos 14 anos e eliminava a proibição da frequência de escravos em escolas públicas, em Minas Gerais⁴⁴. A partir dessa reforma, já se podia verificar a presença dos até então excluídos nas instituições escolares, mesmo que esta prática não tenha sido universal, conforme estudos realizados por Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves (2000).⁴⁵

⁴⁴ Em 1835, os escravos são legalmente proibidos de frequentar as aulas públicas na Província de Minas Gerais.

A primeira escola que Basílio de Magalhães frequentou foi a Escola João dos Santos, inaugurada em 25 de abril de 1881, que foi criada e mantida por João Batista dos Santos, Visconde de Ibituruna, filho do português João dos Santos Pinto. Era uma escola que oferecia ensino gratuito, além de livros e demais materiais necessários aos estudos⁴⁶, o que pode ter beneficiado Basílio de Magalhães, que era oriundo das camadas desfavorecidas economicamente,

A entrada de Basílio de Magalhães para uma instituição de ensino, segundo os depoimentos de José Geraldo de Souza e de Custódio Rodrigues de Miranda, foi possibilitada graças a uma ajuda concedida por um membro da família imperial que, para José Geraldo, seria a Princesa Izabel.

De acordo com tais depoimentos, na ocasião da inauguração da Estrada de Ferro, posteriormente denominada EFOM – Estrada de Ferro Oeste de Minas, ocorrida no dia 28 de agosto do ano de 1881⁴⁷, Basílio de Magalhães, que tinha sete anos de idade, proferiu um discurso para receber a comitiva imperial que passou pela estação da cidade de Barroso; o que lhe conferiu credibilidade e ajuda nos estudos. Nas palavras de José Geraldo de Souza,

Eu sei que passou por aqui a família imperial, na inauguração da Rede Ferroviária. Então, eles prepararam esse menino para saudar o pessoal que passava, os importantes passageiros. Então, a princesa Izabel achou ele tão interessante, que resolveu apadrinhá-lo com uma bolsa de estudos. E foi muito importante essa bolsa de estudos, que você vê que ele cresceu demais.⁴⁸

⁴⁵ GONÇALVES (2000), em um estudo sobre a educação de negros no Brasil, analisa a não universalização da prática de inclusão do negro e de seus descendentes no âmbito escolar desde o governo imperial.

⁴⁶ SOBRINHO, 2000.

⁴⁷ De acordo com os dados obtidos no Livro de Registros da EFOM, organizado pelo Secretário interino Mucio Jansen Vaz (1922), a Estrada de Ferro Oeste de Minas começou a ser construída em 25 de junho de 1879. Em 30 de setembro de 1880, começou a ser trafegado o seu primeiro trecho, com a inauguração das estações de Sítio (atual cidade de Antônio Carlos), Barroso e *posto telegráfico de Ilhéos*; e em 1881, encerrou-se a sua construção até a cidade de São João del-Rei. Em 28 de agosto de 1881, foi realizada a inauguração oficial com a presença do Imperador D. Pedro I e sua comitiva imperial.

⁴⁸ Entrevista realizada com o Sr. José Geraldo de Souza, no dia 19 de junho de 2005, na cidade de Barroso, MG.

Custódio Rodrigues de Miranda também citou esta ajuda recebida para o ingresso na educação institucionalizada, afirmando que Basílio aprendeu as primeiras letras em Barroso, na Fazenda de Venda Grande e, na ocasião da passagem por Barroso da comitiva imperial, Basílio de Magalhães fez um discurso, “... *falou muito bem e, então, teve ajuda nos estudos*”.⁴⁹

Não foi localizado nenhum registro da concessão de uma bolsa de estudos para Basílio de Magalhães nos jornais *Arauto de Minas* e *Gazeta Mineira*, que circulavam na cidade de São João del-Rei, onde se localizava a Escola João dos Santos; como também, não foi localizada nenhuma documentação da época de tal escola.⁵⁰

No entanto, pode-se fazer uma relação dos depoimentos acima citados com outras informações para se trabalhar com a hipótese de que tenha, de fato, acontecido essa ajuda na entrada de Basílio para a referida escola.

Tendo a possível interferência ocorrida em 1881 e, apesar de não se ter a data precisa da entrada de Basílio de Magalhães para a Escola João dos Santos; a iniciação da sua trajetória escolar se deu, certamente, antes do ano de 1884, quando Basílio recebeu uma medalha de ouro pelo seu desempenho nos estudos.

Além da constatação da presença da família imperial na ocasião da inauguração da EFOM, no dia 25 de abril de 1881, a família compareceu, também, na inauguração da Escola João dos Santos⁵¹, o que pode indicar a existência de ligação entre o Imperador e o fundador da escola, o Visconde de Ibituruna; fato que pode ser entendido como facilitador da suposta

⁴⁹ Entrevista realizada com o Sr. Custódio Rodrigues de Miranda, no dia 19 de junho de 2005, na cidade de Barroso, MG.

⁵⁰ A escola João dos Santos, inaugurada em 25 de abril de 1881, foi extinta em 1911, com a morte de seu fundador João Batista dos Santos. Em 5 de outubro de 1907 foi criado o Grupo Escolar de São João del-Rei que, a partir de 1920 passou a se chamar Grupo Escolar João dos Santos, sendo hoje denominada de Escola Estadual João dos Santos; não contendo, portanto, nenhuma documentação da época em que Basílio estudou.

⁵¹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. Nº 1, 1973, p. 103 – 105.

interferência que pode ter sido feita mediante a indicação do nome de Basílio para a composição dos alunos que freqüentavam gratuitamente a escola.

Outro aspecto que pode ser relacionado à entrada de Basílio para uma instituição escolar, diz respeito ao acréscimo do nome de Ladislau ao seu nome, conforme já citado no capítulo I. Em nenhuma outra fonte analisada foi detectado o referido acréscimo; o que nos leva a inferir uma suposta influência do Sr. Ladislau Artur de Magalhães na introdução de Basílio na escola

Na obra de Tales de Azevedo “As elites de cor no Brasil”, pode-se perceber que uma das possibilidades de ascensão social pelo homem de cor é a educação. Esta percepção torna-se mais clara na obra de Florestan Fernandes, em que são apresentados fatores que facilitavam ou dificultavam a integração do negro na sociedade de classe e entre os fatores facilitadores desta integração está a educação.

Neste sentido, a entrada de Basílio de Magalhães para a educação institucionalizada pode ser apontada como uma das estratégias de mobilidade social, uma vez que, a partir dos estudos, ele se desenvolveu profissionalmente e, mais tarde, politicamente.⁵²

3.2 – Sob a ótica da Sociologia da Educação

A proposta de análise da trajetória de vida de Basílio de Magalhães sob a ótica da Sociologia da Educação requer uma breve discussão a respeito das abordagens por ela realizadas e dos paradigmas que a nortearam a partir de meados do século XX, época de marco importante para tal ciência.

⁵² Basílio iniciou sua vida profissional aos 15 anos de idade como tipógrafo no jornal “*Gazeta Mineira*”, em São João del-Rei, no qual exercia também trabalhos de auxiliar de redação; e, mais tarde, em 1922, iniciou sua vida política sendo eleito para o senado estadual mineiro.

Desde a universalização do ensino primário, ou seja, do acesso de todos os cidadãos à escola pública e gratuita, ocorrida no início do século XX, até meados deste século, a escola era vista pelo senso comum e, até mesmo, pelas Ciências Sociais como democrática, acreditando-se que, através do acesso à escola, todos teriam igualmente o direito à educação, independente da condição sócio-econômica.

A partir da década de 60, há uma profunda crise nessa concepção de escola, pois diversas grandes pesquisas quantitativas apontaram para a existência de relação entre a origem social e os destinos escolares.⁵³

Um dos mais importantes estudos responsáveis pela crise citada é, com certeza, a obra de Bourdieu. Para Nogueira, “*Bourdieu teve o mérito de formular, a partir dos anos 60, uma resposta original, abrangente e bem fundamentada, teórica e empiricamente, para o problema das desigualdades escolares*”.⁵⁴

A obra de Bourdieu apresentou uma nova maneira de interpretar a escola e a educação; e, apesar de novos estudos apontarem para perspectivas além daquelas por ele dimensionadas, não se pode negar a grande contribuição de sua obra para a Sociologia da Educação. Para Nogueira

*Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais.*⁵⁵

⁵³ NOGUEIRA, 2002.

⁵⁴ NOGUEIRA, 2002, p. 16

⁵⁵ NOGUEIRA, 2002, p. 17.

Segundo Bourdieu, a escola, através de seu funcionamento, legitima e reproduz as desigualdades sociais, uma vez que desconsidera as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais, sendo a cultura da elite muito próxima da cultura escolar.

Uma nova tendência da Sociologia da Educação produziu nas últimas décadas vários estudos a respeito da relação existente entre a origem social dos alunos e seu sucesso ou fracasso escolar. No Brasil, segundo Zago

*No que diz respeito aos alunos de escola pública, não faltaram estudos a respeito de suas características sociais, culturais e cognitivas e sobre as relações entre as condições de pobreza e os resultados escolares. Normalmente os estudos voltados para a realidade educacional das populações socialmente desfavorecidas colocam em evidência o número significativo de crianças que deixam a escola; todavia, continua a existir uma ausência de informações a respeito do destino posterior dos chamados “evadidos”.*⁵⁶

Esta nova tendência da Sociologia da Educação utiliza o modelo criado por Bourdieu sobre a relação das trajetórias escolares com a origem social dos educandos; porém, ultrapassa tal paradigma, realizando uma análise microssociológica, ao invés da análise macrossocial por ele realizada.

Desta forma, foi possível constatar, segundo Nogueira, que *“Existem diferenças significativas no modo como cada escola e ou professor participa desse processo de reprodução social. Essas diferenças foram, em grande medida, negligenciadas por Bourdieu.”*⁵⁷

Dentro dessa nova perspectiva de uma análise microssociológica, estudos realizados por Zago (2000), Viana (1998), Nogueira (2000), dentre outros, apresentaram particularidades existentes nas relações escola/origem social, apontando trajetórias tidas como improváveis de sucesso escolar.

⁵⁶ ZAGO, 2000, p.19

⁵⁷ NOGUEIRA, 2002, p. 34.

3.3 - Uma trajetória tida como improvável

A partir dos atuais estudos da sociologia da educação, procurou-se fazer uma relação com a trajetória escolar de Basílio de Magalhães, consciente de que tal trajetória se deu num espaço temporal distante das trajetórias analisadas pela atual sociologia da educação. Assim, foi possível estabelecer tal relação, levando-se em consideração as diferenças temporais e tendo a preocupação de não tornar este trabalho um erro anacrônico.

Estudos realizados por Zago (2000), Viana (1998) e Nogueira (2000) apresentaram diversos fatores responsáveis pela entrada e permanência dos oriundos de famílias desfavorecidas economicamente em uma instituição escolar. Dentre tais fatores, pode-se apresentar, aqui, alguns que foram detectados na trajetória de Basílio de Magalhães.

Para Zago, a compreensão dos destinos escolares se dá devido à análise de outras variáveis, além das clássicas como renda, ocupação e escolaridade dos pais. Ou seja, as trajetórias sociais, os significados e as práticas de escolarização, dentre outros, devem ser considerados como fatores que podem interferir nas trajetórias escolares. Para ela, o próprio aluno exerce um papel fundamental como parte ativa do seu próprio percurso, sendo que o seu comportamento não se reduz às influências domésticas e à origem social. Em suas palavras

“...as experiências extra-escolares e a própria faixa etária em que ele se encontra são dimensões que não podem ser negligenciadas. De acordo com uma sociologia centrada unicamente nas questões das desigualdades, cujos princípios embasaram considerável número de trabalhos, o aluno é reduzido a um conjunto de variáveis, como sua origem social e resultados escolares, não dando conta da atividade real que esses atores sociais desenvolvem, dentro e fora dos estabelecimentos de ensino.”⁵⁸

Analisando a permanência no sistema escolar até o ensino superior de estudantes de origem econômica desfavorecida, Viana também aborda o papel desempenhado pelo próprio educando, afirmando que *“Ao contrário do que se pode concluir à primeira vista, essas*

⁵⁸ ZAGO, 2003, p. 21.

trajetórias supõem um querer e uma autodeterminação imbatíveis, sobretudo dos filhos, condição sine qua non de produção de sobrevida escolar em meios populares”⁵⁹

Neste sentido, é possível considerar o investimento pessoal de Basílio de Magalhães, não somente em sua trajetória escolar, mas, também, na profissional e política. A sua predisposição para os estudos pode ser apontada como um dos diversos fatores que possibilitaram a sua ascensão social. Segundo o depoimento do Sr. Nacime Bacha, Basílio de Magalhães tinha um caderno sempre às mãos para anotações. Nos bate-papos com os amigos, “...ele, como um intelectual, anotava as coisas de interesse.”⁶⁰

O Sr. Benedito Rodrigues, também relatou uma passagem que comprova o hábito de estudos de Basílio de Magalhães. Segundo ele, em sua carreira de médico, apareceu-lhe dois casos de priapismo⁶¹ que, por ser uma patologia rara, resolveu estudar sobre a mesma, a fim de publicar um artigo a respeito. Segundo ele,

Comecei a estudar, fui a Belo Horizonte colher dados na biblioteca da Faculdade de Medicina e em um dos livros consultados li a indicação de raquianestesia como tratamento. Até onde iam meus estudos não achei base farmacológica para tal conduta, então escrevi para o Dr. Paulo Chaves, na época anestesista em Varginha, pedindo sua opinião.(...) Quando estava quase pronto (o artigo), procurei o Basílio de Magalhães, grande conhecedor da língua portuguesa para que me esclarecesse sobre a etimologia da palavra priapismo.Foi o que ele fez durante uns quinze minutos, mas não ficou só aí, falou sobre a patologia, as causas, a incidência e a terapêutica da doença, ainda mencionando as festas do “priapo” na Grécia quando, em procissões pelas ruas da cidade, o povo carregava grandes réplicas de falos em andores Depois disso, fui para casa e guardei o trabalho que nunca publiquei pois, se Basílio de Magalhães, que não era médico, falou de improviso num pequeno espaço de tempo, mais do que eu que tinha conseguido reunir em meus estudos, fiquei meio envergonhado de publicá-los.⁶²

⁵⁹ VIANA, 2003, p. 52.

⁶⁰ Entrevista realizada com o Sr. Nacime Bacha, no dia 04 de junho de 2005, na cidade de Lambari, MG.

⁶¹ Segundo o Sr. Benedito Rodrigues, priapismo é uma ereção patológica muito longa e dolorosa do membro masculino sem, necessariamente, desejo sexual.

⁶² RODRIGUES, 1999, p.66-67.

A declaração do Sr. Benedito Rodrigues com relação aos conhecimentos de Basílio na área médica são reforçadas com a publicação de autoria de Basílio de Magalhães de dois livros intitulados “Tratamento e Educação das Crianças Anormais de Inteligência” (1913) e “Primeiro Congresso Americano da Criança – A Educação da Infância Normal e das Crianças Mentalmente Atrasadas, na América Latina”(1917).

Nessa mesma perspectiva, pode-se estabelecer como favorável à trajetória de Basílio de Magalhães, outro fator apontado por Viana (1998): a autodeterminação. Nos escritos de sua autoria, seja nos artigos de jornais ou em livros já pesquisados, constata-se expressa a presença constante de auto-confiança, firmeza na expressão das idéias e busca insistente por seus ideais, como demonstra o seguinte trecho:

Para atender a um honroso convite do meu ilustre confrade dr. Costa Miranda,- de ver no excelente “Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio”, por ele dirigido a minha colaboração, - reli (...) preenchendo-lhes algumas lacunas, expurgando-as de erros tipográficos e acrescentando-as de novas anotações. Assim, bastante melhoradas, foram elas por mim oferecidas ao sobredito mensário...⁶³

Outro aspecto apontado por Zago como responsável pelo sucesso dos alunos por ela pesquisados é o desempenho favorável nas séries iniciais. Ou seja, para ela o bom desempenho escolar pode ser considerado como um dos mecanismos facilitadores do sucesso escolar das camadas desfavorecidas economicamente. Isto, também pôde ser constatado na trajetória de Basílio como, por exemplo, o recebimento, aos dez anos de idade, de uma medalha de ouro pelo seu desempenho escolar.

Viana (1998) detectou a existência de outros grupos de referência para o filho-aluno na família ampliada e/ou exteriores a ela, que podem agir como oportunidade de escolarização. No caso de Basílio, independente de ser ou não filho natural, o fato do mesmo ter sido criado pelo Sr. Ladislau Artur de Magalhães que, segundo o depoimento de José Geraldo de Souza, possuía o hábito da leitura e possuía muitos livros, com certeza, pode ser considerado como uma forte influência na entrada e permanência de Basílio na escola.

⁶³ MAGALHÃES,1939, p.02.

Outro fator apontado por Viana, que também pode ser detectado na trajetória de Basílio, diz respeito aos interesses profissionais relacionados aos estudos. Para ela, o fato do aluno precisar trabalhar durante o tempo que estiver estudando pode ser analisado de forma ambígua. O tempo dedicado ao trabalho pode influenciar no rendimento escolar; no entanto, a possibilidade de ascensão profissional pode ser um estímulo para a dedicação e conclusão dos estudos.

No caso de Basílio de Magalhães, a sua atuação profissional, com certeza, o estimulou a progredir nos estudos a fim de escrever bem, enquanto redator do jornal “A pátria Mineira”, além do desenvolvimento da oratória, tão necessária a um político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória de vida de Basílio de Magalhães se deu tendo como parâmetro os estudos de Sociologia da Educação, que tratam de trajetórias tidas como improváveis de sucesso escolar. Buscou-se relacionar os aspectos apontados por tais estudos com a construção da trajetória de Basílio, a fim de contribuir para o avanço do conhecimento produzido dentro do campo da História da Educação.

Primeiramente, é importante ressaltar que, sem dúvida, o acesso à educação institucionalizada pode ser entendido como o principal fator responsável pela mobilidade

social de Basílio de Magalhães, pois, a partir dos estudos, foi possível o seu desenvolvimento profissional e político que marcou de forma atuante toda a sua trajetória.

Diante das análises das fontes orais e escritas, foi possível detectar aspectos e estratégias de mobilidade social, que podem ser subdivididos em dois campos distintos e, ao mesmo tempo, interligados na construção da trajetória de vida de Basílio de Magalhães: os aspectos responsáveis pela sua inserção na educação institucionalizada e as estratégias de mobilidade social e manutenção da atuação profissional e política.

No que diz respeito à sua entrada para a educação institucionalizada, um dos aspectos favoráveis foi a participação, mesmo que de forma indireta, do Sr. Ladislau Artur de Magalhães. Independente de Basílio ser ou não filho natural de Ladislau, o fato de ter vivido sua infância em companhia do mesmo exerceu importante influência na sua vida escolar, uma vez que Ladislau possuía muitos livros e tinha o hábito de leitura. Da mesma forma, Basílio de Magalhães obteve acesso às primeiras letras na Fazenda de Venda Grande, onde morava com o Sr. Ladislau Artur de Magalhães.

Mesmo não tendo ligação direta com a escravidão, ou seja, não sendo seus pais e seus avós escravos; Basílio de Magalhães era mestiço e seu nascimento ocorreu em uma época marcada pelo fim da escravidão. O panorama histórico e político também pode ser apontado como facilitador do acesso de Basílio a uma educação institucionalizada. A legislação em favor do negro, mesmo que não tenha sido efetivada de forma universal, contribuiu de maneira fundamental como a Lei do Ventre Livre, que garantia o direito aos estudos às crianças negras; e a Reforma de Ensino Primário e Secundário (1879), que tornava obrigatório o ensino dos 7 aos 14 anos e eliminava a proibição da frequência de escravos em escolas públicas, em Minas Gerais.

Outro aspecto responsável pelo acesso aos estudos diz respeito à primeira instituição escolar freqüentada por Basílio, a Escola João dos Santos, que oferecia ensino gratuito. Além da gratuidade nos estudos, foi também detectada uma provável ajuda concedida para que tal acesso fosse efetivado.

Com relação às estratégias utilizadas por Basílio para a sua mobilidade social e para a manutenção da atuação profissional e política pode-se indicar a alteração nos nomes dos pais (Antônio e Francisca), acrescentando-lhes o sobrenome Magalhães, que apenas ele possuía, por ter herdado do padrinho (suposto pai não declarado). A alteração pode ter se dado a fim de apagar os possíveis vestígios que pudessem corromper o prestígio por ele alcançado.

Há de se considerar, ainda, a própria atuação de Basílio na construção de sua trajetória. A autodeterminação, os significados da prática escolar e o empenho nos estudos se mostraram presentes nas diversas fontes analisadas.

Nessa mesma perspectiva, é possível indicar, também, o bom desempenho escolar alcançado nas séries iniciais e os próprios interesses profissionais como fatores que estimularam Basílio a prosseguir nos estudos a fim crescer na vida profissional e política.

É importante ressaltar que a trajetória de Basílio de Magalhães faz parte de um contexto histórico, em que foi considerada a combinação de diversos fatores políticos e particulares, ou próprios, de tal trajetória. Foi possível detectar as contradições das possibilidades oferecidas pelas suas efetivas condições sócio-econômicas, e perceber a atuação dos sujeitos que permearam seu caminho, bem como a própria atuação pessoal na construção de sua trajetória.

Torna-se oportuno ressaltar que diante das fontes levantadas na realização desta pesquisa, muitas das quais não foi possível utilizar, devido à escassez de tempo; pode-se afirmar que a trajetória analisada possui diversas outras possibilidades de análises que, certamente serão desenvolvidas posteriormente.⁶⁴

⁶⁴ Das fontes levantadas que não foram utilizadas neste trabalho constam os discursos e projetos de lei propostos por Basílio de Magalhães, em seu mandato de Deputado Federal e os seguintes livros de sua autoria: “Compêndios de História do Brasil” (1945); “O Folclore no Brasil” (1939); “Tratamento e Educação das Crianças Anormais de Inteligência” (1913); “Primeiro Congresso Americano da Criança – A Educação da Infância Normal e das Crianças Mentalmente Atrasadas, na América Latina” (1917). Tais fontes poderão ser analisadas com a perspectiva de traçar o perfil político de Basílio de Magalhães e sua atuação sob a ótica da época em questão.

FONTES PRIMÁRIAS:**JORNAIS**

Arauto de Minas. São João del-Rei, nº 3, 21 de março de 1879; nº 4, 28 de março de 1879; nº 8, 27 de abril de 1879; nº 12, 23 de maio de 1879; nº 15, 17 de julho de 1879; nº 25, 19 de abril de 1884. Arquivo do IPHAN – Instituto Patrimonial, Histórico e Arquitetônico Nacional, da cidade de São João del-Rei.

A Tribuna. São João del-Rei, nº 337, ano VII, 09 de janeiro de 1921; nº 338, ano VII, 16 de janeiro de 1921; nº 339, ano VII, 23 de janeiro de 1921; nº 344, ano VII, 17 de fevereiro de 1921; nº 395, ano VIII, 15 de janeiro de 1922; nº 396, ano VIII, 22 de janeiro de 1922; nº 397, ano VIII, 29 de janeiro de 1922; nº 398, ano VIII, 02 de fevereiro de 1922; nº 401, ano VIII, 12 de dezembro de 1922; nº 402, ano VIII, 16 de fevereiro de 1922; nº 403, ano VIII, 19 de fevereiro de 1922; nº 404, ano VIII, 23 de fevereiro de 1922; nº 408, ano VIII, 12 de março

de 1922; nº 413, ano VIII, 16 de abril de 1922; nº 418, ano VIII, 21 de maio de 1922. Arquivo do IPHAN – Instituto Patrimonial, Histórico e Arquitetônico Nacional, da cidade de São João del-Rei, MG.

Gazeta Mineira. São João Del-Rei, nº 19, ano 1, 17 de abril de 1884. Arquivo da Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida, da cidade de São João del-Rei, MG.

REGISTROS CIVIS

Registro de batismo de Basílio de Magalhães. Livro de Batismo nº 1 da Paróquia de Sant’Ana de Barroso, p.44. Barroso, MG.

Registro de óbito de Basílio de Magalhães. Livro C-08 de Registro Civil de Óbitos, p.151, nº 4122. Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais. Lambari – MG.

Registro de batismo de José. Livro de Batismos nº 16, p.141. Paróquia de Tiradentes, MG.

Registro de casamento de Antônio Inácio Raposo e Francisca Leonarda de Jesus. Livro de Matrimônio nº 27, p.167. Paróquia de Tiradentes, MG.

Registro de Batismo de José Teixeira. 1º Livro de Batismos da Paróquia de Sant’Ana de Barroso, p. 17. Barroso, MG.

OUTROS DOCUMENTOS

Livro de Registros da EFOM – estrada de Ferro Oeste de Minas, organizado pelo Secretário interino Mucio Jansen Vaz (1922).

Projeto de Lei nº 247 de 1924. Arquivo da Câmara dos Deputados.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. RJ: Editora FGV, 2004.

ALVES – MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSNAJDER, Fernando. O planejamento de pesquisas qualitativas, In: *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998, p.147 – 178.

AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor*. São Paulo: Nacional, 1955.

BRAGA, Maria José Viana. Longevidade escolar em famílias de camadas populares. Algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir(orgs). *Família e escola – trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CINTRA, Sebastião O. *Galeria das personalidades notáveis de São João del-Rei*. São João del-Rei: FAPEC, 1994.

_____ *Visitantes da Família Imperial em São João del-Rei*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, 1973, nº 1, p. 103 – 104.

FARIA, Sheila S. de Castro. *O cotidiano dos negros no Brasil Escravista*. Madri, Fundacion Tavera, no prelo.

_____”Sinhás Pretas: Acumulação de Pecúlio e Transmissão de Bens de Mulheres Forras no Sudeste Escravista (Séculos XVIII e XIX)”, in: SILVA, Francisco C. T. da; MATTOS, Hebe Maria de & FRAGOSO, João Luiz Ribeiro (Orgs.). *Escritos sobre História e Educação: Homenagem à Maria Yedda Leite Linhares*. RJ: Mauad/FAPERJ, 2001.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca no limiar de uma nova era*. São Paulo: Ática, 1978.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica das Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*. SP, Cia da Letras, 2003.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Negros e Educação no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GUIMARÃES, Fábio Nelson. *Ruas de São João del-Rei*. Contagem – MG: FUMARC, 1994.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Da Unesp, 1992,pp 133-162.

_____ Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (Coordenadoras). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques(org.). *Jogos de Escalas. A experiência da microanálise*. Tradução Dora ROCHA, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MAGALHÃES, Basílio de. *O café na História, no Folclore e nas Belas-Artes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. 2ª edição.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MOTTA, Jeovah. Basílio de Magalhães. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*. Vol.III. 1985, p. 55 – 58.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. *A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições*. In: *Educação e Sociedade*, ano XXIII, nº 78, Abril/2002.

PALHARES – BURKE, Maria Lúcia Garcia. *A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX*.

PASSOS, Flávio Marcos dos. *José Maria Xavier. O músico, o sacerdote, o cidadão. Um homem de seus tempos*. Monografia (Especialização) – UFSJ, São João del-Rei, 2003.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir(orgs). *Família e escola – trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RAMALHO, Oyama de Alencar. *Basílio de Magalhães e a arte renascentista*. Monografia (Especialização) – UFSJ, São João del-Rei, 2000.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RODRIGUES, José Benedito. *Casa progresso*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1999.

SOBRINHO, Antônio Gaio. *História da Educação em São João del-Rei*. São João del-Rei, MG: Setor de Gráfica da FUNREI, 2000.

SOUZA, Geraldo Napoleão de. *Barroso – Subsídios para a História do Município*. Viçosa, MG: Editora Folha de Viçosa LTDA, 1979.

VIOTTI, Dario Abranches. Basílio de Magalhães. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Vol VII, 1960, p.597-602.

ZAGO, Nadir. Processo de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs). *Família e escola – trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.